

O modificador de grau *puta* no Português Brasileiro: distribuição e interpretação

Put as a degree modifier in Brazilian Portuguese: syntactic distribution and semantic operation

Luiz Felipe da Silva Durval¹

Resumo

Neste artigo, fazemos uma análise inicial da operação realizada pelo intensificador *puta* no âmbito do Português Brasileiro (PB), utilizando as ferramentas teóricas da semântica formal. Para tanto, adotamos a teoria da Semântica de Graus (SG) (KENNEDY E MCNALLY, 2005). Além disso, rastreando a distribuição sintática desse intensificador, propomos um padrão sintático que está posto nesse item lexical quando em função de intensificador, como nas sentenças *O professor fez um puta de um discurso*, *Ele é um puta médico competente* e *O novo chefe é um puta ditador*. Observações iniciais mostram que a intensificação por *puta*, fundamentalmente, requer uma disjunção entre os graus comparados. Ou seja, a operação semântica que realiza exige uma distância mínima entre o grau do elemento modificado e o grau fixado pelo parâmetro contextual. Ademais, esse modificador de grau atua na propriedade do adjetivo de grau, modificando o tipo de escala e parâmetro do adjetivo. Mostramos, em contraste com o intensificador *muito*, que a intensificação por *puta* atua em domínios adjetivais, nominais e adverbiais restritos; sentenças em que o intensificador atua sobre Sintagmas Verbais (SV) são agramaticais.

Palavras-chave: Intensificadores. Semântica de Graus. Adjetivos de Grau. *Put* como modificador

Abstract

In this article, we make an initial analysis about the word *puta* as an intensifier in Brazilian Portuguese. To make this happen, we use the theoretical mechanisms of the Formal Semantics and we use the theory of Degree Semantics (KENNEDY AND MCNALLY, 2005). Moreover, following the syntactic distribution of this word, we propose an underlying syntactic pattern to this lexical item when it has intensifier function, as in the sentence *O professor fez um puta de um discurso* and *Ele é um puta médico competente*. The firsts observations show that the intensification of the *puta* fundamentally requires a disjunction between the degrees compared, that is, the semantic operation performed requires a minimum distance between the degree of the modified element and the degree set by the contextual parameter. Besides, this degree modifier acts on the property of the degree adjective by modifying the scale type and parameter of the adjective. We will show, in contrast to the degree modifier *muito*, that the intensification of the *puta* acts in the domains of adjectives, nouns and adverbs with restrictions; sentences in which the intensifier acts on verbal phrases are agrammatic.

Keywords: Intensifiers. Degree Semantics. Gradable Adjectives. *Put* as a modifier

Recebido em: 06/02/2020

Aceito em: 06/10/2020

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4949-119X>.

Introdução

Em Língua Portuguesa, diferentes estratégias linguísticas — lexicais, fonéticas, morfológicas, sintático-semânticas — podem estar envolvidas na intensificação, operação na qual ocorre o aumento do grau da propriedade de um item, geralmente do argumento do adjetivo.

Neste artigo, nos ocupamos da análise de um modificador que atua nesse processo. O objetivo é fazer uma descrição inicial do modificador de grau *puta* no âmbito do Português Brasileiro, utilizando as ferramentas teóricas da Semântica Formal. Analisamos sentenças como: *Assisti a um filme puta chato*, *O professor fez um puta discurso* e *A sociedade está puta preconceituosa*.

Foltran e Nóbrega (2016) chamam o item lexical *puta* de adjetivo intensificador e defendem que ele modifica sobretudo nomes. No entanto, optamos por tratá-lo, neste artigo, como um advérbio intensificador — devido ao seu comportamento morfossintático —, ou, simplesmente, como um modificador de grau (MG).

Pretendemos, aqui, adotando uma teoria de graus na linha de Kennedy e McNally (2005), dar conta da operação realizada por esse modificador chulo, além de rastrear a sintaxe desse item lexical quando em função de intensificador.

Para tanto, fazemos uma síntese das principais ideias em que nos baseamos no presente estudo, prosseguindo à análise da distribuição sintática da c-seleção² inerente ao modificador de grau em questão. Em seguida, investigamos e descrevemos a operação realizada por esse modificador e as possibilidades de interpretação das sentenças por ele modificadas.

Intensificadores e a semântica de graus

Os intensificadores desempenham uma operação específica que consiste na modificação do grau de uma propriedade do elemento modificado. Foltran e Nóbrega (2016) entendem como intensificadores qualquer dispositivo que escalona uma qualidade, tanto para graus máximos, quanto mínimos ou médios, expressos de diferentes maneiras pelas línguas naturais. Prototipicamente, os advérbios intensificadores podem modificar verbos, adjetivos e outros advérbios. Vejamos os exemplos³ em (1).

- (1) a. Ele fala muito.
b. Ele, muito rapidamente, reservou o seu lugar.
c. Ele é muito alto.

Em (1a), o advérbio *muito* atua como um intensificador do evento especificado pelo verbo *falar*, levando à leitura de que há alguém que fala mais do que o esperado, além do parâmetro socialmente estabelecido. Em (1b), há a intensificação do modo como o sujeito executa a ação expressa pelo predicador verbal. Já em (1c), há um aumento do grau

² Trata-se da seleção categorial realizada. Ou seja, do tipo de sintagma selecionado por determinado item lexical: sintagma nominal, sintagma verbal, sintagma preposicional, entre outros.

³ Os exemplos citados neste trabalho foram intuitivamente construídos e julgados quanto à sua gramaticalidade pelo próprio autor, enquanto falante nativo do Português.

estabelecido na comparação implícita realizada pelo adjetivo *alto*. Este é, portanto, um adjetivo de grau, como proposto por Kennedy e McNally (2005). Para se confirmar essa constatação, outros testes poderiam ser feitos, como, por exemplo, a demonstração da aceitação desse adjetivo em estruturas comparativas explícitas (ex.: *João é mais alto do que Paulo*).

Segundo essa proposta, conhecida como semântica de graus, alguns adjetivos possuem uma estrutura escalar. Para entendermos melhor, observemos a sentença em (2).

(2) João é alto.

O adjetivo *alto* em (2) leva seu argumento a um grau na escala de altura. Para que a sentença em (2) seja verdadeira, é necessário que haja um contexto em que João apresente um grau de altura superior a um parâmetro não pronunciado. Isto é, quando se afirma que João é alto, ocorre uma comparação implícita com outro elemento que recebe um grau inferior na escala de altura. Se João tem 1,82m e Pedro 1,75m, a sentença será verdadeira. Se compararmos João com jogadores de basquete, a sentença será falsa. Adjetivos de graus são geralmente dependentes de contexto e envolvem em sua operação uma comparação implícita. Se pensarmos no adjetivo *baixo*, oposto a *alto*, constataremos que ele está na mesma escala, mas na direção inversa: enquanto *alto* pressupõe uma comparação de superioridade, *baixo* denota uma comparação de inferioridade.

Escala é uma sequência ordenada de graus de uma mesma qualidade. De acordo com o modelo de Kennedy e McNally (2005) os Adjetivos de Grau (AG) apresentam diferentes tipos de escala — aberta, parcialmente fechada e totalmente fechada, como sintetizados no Quadro 1. Em uma escala aberta, um ponto é fixado pelo grau do argumento do AG e a outra ponta é variável. Ou seja, dependente do parâmetro estabelecido no contexto, como é o caso da escala *altura*.

Em uma escala totalmente fechada, o grau de determinada propriedade do argumento do AG será igual a um limite escalar. Para melhor compreensão, se dissermos que o pote está vazio, o valor será fixado no polo de grau mínimo da escala de ocupação, com 0% de ocupação. Se a sentença for *O pote está cheio*, o AG denotará o ponto fixo da outra extremidade da escala (100% de ocupação). Qualquer ponto acima de 0 mudará o valor de verdade de uma sentença com o AG *vazio*. De igual modo, qualquer grau abaixo de 100%, na escala de ocupação, tornará a sentença *O pote está cheio* falsa.

Por fim, no terceiro tipo de escala, a parcialmente fechada, o grau de um ponto da escala é fixo, enquanto o grau da outra ponta é variável. Se tomarmos como exemplo a sentença *A janela está fechada*, teremos o adjetivo de grau *fechada*, que em uma escala de *abertura* representa o ponto fixo igual a 0. Nesse caso, o grau fixado pelo adjetivo estabelece uma relação de igualdade com a ponta fechada da escala. Se essa propriedade da janela fosse elevada a qualquer grau diferente de zero, a janela estaria aberta e a sentença seria falsa. Portanto, a escala de *abertura* é uma escala parcialmente fechada.

Gomes e Sanchez-Mendes (2018) ressaltam que apenas os adjetivos de grau podem ser modificados por intensificadores. É possível pensar em *muito alto*, por exemplo, mas não em *muito elétrico*. Os intensificadores impõem uma nova condição ao adjetivo, embora na mesma direção. Isto é, ainda que em *muito alta* e *muito baixa* o intensificador *muito* modifique as condições dos adjetivos de grau *alta* e *baixa*, esses adjetivos continuarão a impor comparação de superioridade e inferioridade, respectivamente.

Assim como *muito* impõe um aumento de distância entre os termos comparados, outros intensificadores acrescentarão outras exigências semânticas ao adjetivo modificado. Em *uma toalha inteiramente molhada*, por exemplo, o intensificador *inteiramente* atua como um maximizador. Ou seja, exige que o grau máximo de *molhada* seja atingido. As operações semânticas que os intensificadores realizam são sempre de ampliação, minimização/redução ou maximização, e não de interseção de eventos, mesmo no domínio verbal. Por esse fato, os advérbios intensificadores também são conhecidos como modificadores de grau.

Quadro 1 – Tipos de escala dos adjetivos de grau

ESCALA		NATUREZA DO PARÂMETRO	
		DEPENDENTE DO CONTEXTO	INDEPENDENTE DO CONTEXTO
ESCALA	TOTALMENTE FECHADA	X	●-----● vazio-----cheio
	PARCIALMENTE FECHADA	○-----● sujo-----limpo	●-----●
	TOTALMENTE ABERTA	○-----○ baixo-----alto	X

Fonte: Kennedy & McNally (2005) e Gomes (2009).

Nossa análise partirá das seguintes hipóteses:

- (i) O modificador *puta*, em posição pré-nominal, sempre funcionará como um intensificador e terá uma leitura positiva (*um puta gol* = um gol muito bonito). Quando houver um adjetivo pós-nominal, esse intensificador atuará semelhantemente ao modificador *muito*, ampliando o grau da propriedade do argumento do adjetivo (*um puta gol incrível* = um gol muito incrível).
- (ii) O uso de *puta*, como modificador, apresenta uma sintaxe rígida e ocupa sempre a posição à esquerda do elemento modificado, gerando uma sentença agramatical se movido à direita. (*Assisti a um puta filme ontem* / **Assisti a um filme puta ontem*).
- (iii) *Puta* pode funcionar como um intensificador de um nome apenas quando este permitir uma leitura gradual. Caso contrário, esse item lexical poderá ser lido apenas como um intensificador de um adjetivo nulo. *Puta dor* pode ser lida como muita dor porque o nome *dor* permite uma gradação (+ dor /- dor). Já *puta professor* só pode apresentar o sentido semelhante a *um professor muito bom* (não é possível ser mais ou menos professor).

O licenciamento sintático de *puta*

Nesta seção, analisamos o Modificador de Grau (doravante MG) *puta* quanto à distribuição sintática, o estatuto categorial dos elementos modificados por esse modificador em contraste com o MG *muito* e o padrão sintático gerado.

No que tange à distribuição sintática do modificador *puta*, percebemos que este ocorre sempre anteposto ao elemento modificado. As sentenças em que *puta* vem depois do elemento modificado (N + *puta*), sem a presença de um adjetivo, são consideradas agramaticais. A posição canônica desse modificador chulo, no Português Brasileiro (PB), é pré-nominal. Vale ressaltar que este item lexical também pode aparecer em posição predicativa, característica comum a certos adjetivos, estabelecendo relação de concordância

com o seu argumento. Porém, o interesse deste trabalho é descrever seu funcionamento enquanto modificador de grau.

- (3) a. *Puta fome* / **Fome puta*.
b. *Puta chato* / **Chato puta*.
c. *Puta filme* / **Filme puta*.
d. *Puta discurso* / **Discurso puta*.

O MG *puta*, atuando aqui como um maximizador, por elevar ao grau máximo a propriedade do elemento modificado, faz uma seleção categorial restrita. Para analisar a categoria lexical dos elementos modificados, comparamos o intensificador em estudo com um intensificador amplamente utilizado, o *muito*. Podemos observar que ambos podem modificar Sintagmas Adjetivais (SAs) e Sintagmas Adverbiais (SAdvs). No entanto, nem todos os SAdvs podem ser modificados por *puta*. Vejamos as sentenças em (4).

- (4) a. Assisti a um filme *muito/puta chato* ontem.
b. Passei por uma situação *muito/puta constrangedora*.
c. Aquela banda do festival cantou *muito/puta mal/bem* ontem.
d. Todos entraram e saíram *muito/*puta rapidamente* da festa.
e. Os alunos chegaram *muito/*puta* depois de as aulas terem começado.

Nas sentenças (4a) e (4b) temos *muito* e *puta* modificando os SAs *chato* e *constrangedora*, respectivamente, gerando sentenças bem formadas, o que comprova a compatibilidade desses MGs com essa categoria. Em (4c), ocorre a intensificação do valor dos advérbios *mal* e *bem* por *muito* e *puta*. No entanto, em (4d) ocorre uma agramaticalidade se o modificador for *puta*. Podemos concluir, a partir desse e de outros exemplos (como *puta abertamente*, *puta lentamente* e *puta calorosamente*), que advérbios terminados em *-mente* não podem ser modificados por esse intensificador; esse processo geraria sentenças agramaticais. Em (4e) também há agramaticalidade com o intensificador *puta* anteposto ao advérbio *depois*.

Como observado em (1), *muito* também pode modificar Sintagmas Verbais (SVs). Esta é uma das principais diferenças entre esses modificadores de grau, pois *puta* jamais modifica um SV. As sentenças em (5) são agramaticais, demonstrando a incompatibilidade categorial desse modificador com as estruturas apresentadas.

- (5) a. **Ele fala puta*.
b. **Por ter de acordar cedo, João não dormiu puta na última noite*.
c. **Ele sofre puta com isso*.

O modificador de grau *muito* pode ocupar os lugares ocupados por *puta* nas sentenças em (5), o que confirma a possibilidade de esse intensificador atuar modificando SVs. *Ele fala muito* e *Por ter de acordar cedo, João não dormiu muito na última noite*, são sentenças totalmente aceitáveis para um falante do português.

Uma outra diferença entre esses modificadores é em relação à presença do adjetivo. A presença explícita de um adjetivo não é obrigatória na operação realizada pelo intensificador *puta*, mas obrigatória para *muito*, como podemos verificar em (6) e (7).

- (6) a. O Barcelona fez um *puta* jogo na última partida.
b. *Coringa* é um *puta* filme.
c. Ele comprou um *puta* carro.

- (7) a. *O Barcelona fez um muito jogo na última partida.
 b. *Coringa é um muito filme.
 c. *Ele comprou um muito carro.

Em (7), sem a presença explícita de um adjetivo, todas as sentenças são agramaticais. Para se tornarem gramaticais, *muito* deveria aparecer numa estrutura como *N + muito + ADJ*, em que *N* é um nome e *ADJ*, um adjetivo. Assim, sentenças como *Coringa é um filme muito bom* e *Ele comprou um carro muito caro*, seriam totalmente gramaticais.

Um outro interessante aspecto sintático é que, entre o modificador de grau *puta* e o nome, pode haver, ainda, a inserção da preposição *de* mais um artigo indefinido, como demonstram as sentenças em (8), sem qualquer alteração de significado.

- (8) a. Na formatura, o professor fez um *puta* discurso.
 a'. Na formatura, o professor fez um *puta* de um discurso.
 b. Depois desse final de semana, todos terão uma *puta* história para contar.
 b'. Depois desse final de semana, todos terão uma *puta* de uma história para contar.

Esse MG pode modificar, ainda, conforme as sentenças em (9), a categoria dos sintagmas nominais (SNs). Há restrições para que o escopo dessa operação recaia sobre essa categoria, mas vamos deixar para analisar tais restrições na próxima seção deste artigo. Em (9b), já não ocorre a intensificação do SN, mas sim do adjetivo de grau *duro*. Em (10), não há qualquer adjetivo implícito, o que é intensificado é o N *ódio*, pois trata-se de um nome com propriedade escalar, como veremos mais adiante.

- (9) a. Minha mãe comprou um *puta* colchão duro.
 b. Minha mãe comprou um colchão *puta* duro.
 (10) Os funcionários ficaram com um *puta* ódio do gerente.

Em síntese, a sintaxe desse modificador pode ser demonstrada esquematicamente como *Det [determinante] + puta (prep. de + art. indefinido) + N + (AG)*. Entre parênteses, estão as estruturas que podem – ou não – aparecer. Além disso, esse intensificador ainda pode se encaixar, como nas sentenças (11a) e (11b), em uma estrutura sem o N, gerando o padrão sentencial *Sujeito + verbo SER + puta + AG*.

Teremos, desse modo, como predicado sentencial, apenas um adjetivo, precedido por *puta*, sem núcleo nominal. É interessante observar que neste último caso não se pode colocar um determinante antes do modificador de grau. Também não aparecem, interpostos ao modificador e o elemento modificado, a preposição e o artigo (*de um*).

- (11) a. O carro é *puta* velho.
 a'. *O carro é um *puta* de um velho.
 b. Aquelas reuniões eram *puta* chatas.
 b'. *Aquelas reuniões eram uma *puta* de umas chatas.

Por fim, podemos perceber, em todos os exemplos apresentados até agora, uma propriedade comum à classe morfológica dos advérbios: a invariabilidade. *Puta* é invariável. Isto é, não estabelece relação de concordância com o elemento modificado. Essa propriedade gramatical é importante, pois serve de fundamento à nossa escolha de agrupar esse modificador de grau à classe morfológica dos advérbios.

A operação semântica realizada

A intensificação por *puta*, fundamentalmente, requer uma disjunção entre os graus comparados. Ou seja, a operação semântica que realiza exige uma distância mínima entre o grau do elemento modificado e o grau fixado pelo parâmetro contextual. Para investigarmos as possibilidades de interpretação desse modificador de grau, vejamos o que sua semântica permite modificar.

- (12) Assisti a uma palestra *puta* longa.
- (13) Esta mala é *puta* pequena.
- (14) A casa ficou *puta* limpa.
- (15) *Comprei um copo *puta* plástico.
- (16) Maria é uma *puta* professora.
- (17) O novo chefe é um *puta* ditador.
- (18) Ele estava com uma *puta* dor no corpo.

Imaginemos que um professor, convidado para um congresso, palestre durante duas horas. A média das falas de outros convidados é de cinquenta minutos. Nesse contexto, a sentença em (12) é verdadeira. O adjetivo *longa* confere ao nome *palestra*, um grau de superioridade na escala de duração. Podemos interpretar que a palestra durou mais tempo do que o esperado. Isto é, teve um grau de duração superior ao parâmetro implícito no contexto.

Como salienta Gomes (2011a, p. 380), *entre os adjetivos, só os de grau (AGs) aceitam intensificação. [...] O intensificador atua sobre a relação entre o grau do argumento do adjetivo e o grau do parâmetro de comparação, impondo condições extras sobre essa relação.* Nessa perspectiva, o intensificador *puta* eleva o grau de superioridade conferido pelo AG ao máximo, ampliando a distância entre o grau de duração do argumento e o grau do parâmetro de comparação. Tomando como referência o parâmetro de cinquenta minutos, uma fala com duas horas de duração tem o grau *muito* superior ao parâmetro, podendo o falante utilizar um modificador de grau para descrever essa superioridade.

Em (13) e (14) temos, como predicado sentencial, apenas um adjetivo, precedido por *puta*, sem núcleo nominal. Nessas sentenças, o MG atua intensificando certa propriedade do argumento do adjetivo em posição predicativa. *Pequena* é um AG de escala aberta. Ou seja, seu valor de verdade é dependente do contexto. Na sentença, *puta pequena* requer um grau significativamente menor ao grau do parâmetro de comparação. Uma *mala puta pequena* é uma mala pequena demais para determinado uso ou em comparação com o grau de tamanho do parâmetro estabelecido.

Se assumirmos que a mala à qual se faz referência em (13) tem uma capacidade de trinta litros, a sentença será verdadeira se o parâmetro for uma outra de setenta litros. A mala pode, ainda, ser suficiente para uma viagem de três dias, mas ser *pequena demais/puta pequena* para uma viagem de duas semanas. O AG *limpa* é um adjetivo de escala fechada em uma ponta. Para que uma casa esteja *limpa*, ela deve apresentar grau 0 de sujeira ou grau máximo de limpeza. Uma casa com qualquer grau, diferente do máximo na escala de limpeza, não é uma casa limpa. Se *limpa* é o grau máximo da escala (ou seja, é o polo fechado) e *puta* funciona como um intensificador que eleva o grau de uma dada propriedade, como seria possível o complexo *puta limpa*?

Conforme descrito por Gomes (2011b), em relação ao intensificador *muito*, a operação realizada por *puta* também não pode ser descrita como somente uma ampliação do grau de certa propriedade do argumento de um AG. Esse intensificador não conserva as propriedades do adjetivo modificado. Independentemente do tipo de escala e de parâmetro do AG, antes da intensificação, o complexo *puta* + AG apresentará sempre parâmetro relativo e escala aberta. Por esse motivo, a sentença (14) é totalmente possível em um contexto em que a casa esteja marcadamente mais limpa que o parâmetro de grau de limpeza esperado para essa casa. Logo, a verdade da predicação com os adjetivos de grau *pequeno* e *limpa*, intensificados por *puta*, dependerá sempre do parâmetro de comparação que o falante utiliza.

A sentença em (15) é agramatical. O adjetivo *plástico*, em posição predicativa, não apresenta uma estrutura escalar, o que impossibilita que a operação de intensificação reincida sobre ele. Como um teste para confirmar tal condição, podemos pensar em *muito plástico*, *bem plástico* e *mega plástico*. Essa incompatibilidade semântica pode ser percebida, com efeito, em sentenças como #*Aquele relógio é puta digital* ou *Comprei um carro com câmbio puta automático*.

Para Gomes (2009, p. 169),

Adjetivos “sem grau”, tipicamente, criam uma relação atômica entre seu argumento e a propriedade que nomeiam. Isso porque um indivíduo ou está na extensão do adjetivo ou não está. Eliminado o uso metafórico do adjetivo, para julgar se a proposição é verdadeira ou falsa não será preciso verificar se o grau em que o indivíduo exibe a propriedade é ou não compatível, porque o adjetivo simplesmente diz que o indivíduo apresenta a propriedade, sem mapeá-lo a um grau ou escala.

Para compreendermos uma sentença como *X é um puta plástico*, precisaríamos de um contexto bastante específico e um maior esforço cognitivo para entender que o que está em questão é determinada propriedade comum a todos os tipos de plástico. Nesse caso, a sentença seria interpretada de modo a pensar que a qualidade do plástico é superior à qualidade de outros tipos de plástico.

Teríamos o mesmo raciocínio com a sentença *Minha avó é puta humana*, em que a leitura possível seria que a avó de quem fala carrega muitos valores humanos, tem atitudes de empatia e solidariedade para com as pessoas, entre outras interpretações nessa mesma linha de raciocínio. Essas são escalas pragmáticas e não semânticas. O objeto está sendo comparado com outros que contém plástico e a avó com outros humanos, quanto à prototipicidade (tão plástico quanto um bom plástico pode ser, tão humana quanto um bom ser humano pode ser).

Como vimos na distribuição sintática desse intensificador, quando ocorre a intensificação por *puta*, o adjetivo pode ficar implícito na sentença. Em nossa observação, percebemos que o modificador *puta*, anteposto a nome, na ausência de um adjetivo na posição canônica, sempre lhe atribui qualificação positiva, como exemplificado em (16). Defendemos, pois, que há sim um adjetivo, mas este não está expresso na sentença. Nessa condição, é interessante observar que a interpretação será sempre de avaliação positiva. A leitura que se faz dessa sentença é que Maria é uma professora muito boa; as propriedades que definem uma boa professora estão elevadas ao grau máximo pelo MG.

Quando um falante professa a sentença *Maria é uma puta professora*, ele está

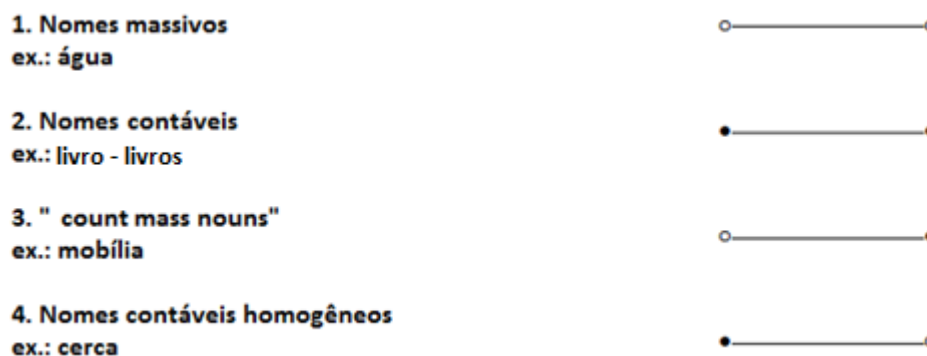
comparando com o grau do parâmetro internalizado por suas experiências com essa categoria profissional. A distância entre o grau do argumento do adjetivo implícito na sentença tem sua distância ampliada em relação ao grau comparativo, o que significa dizer que Maria está muito acima da média de qualidade de sua classe.

Da mesma forma, o valor de *puta filme* (um filme muito bom), *puta discurso* (discurso muito bom), *puta dentista* (dentista muito bom), dentre outras possibilidades, será sempre positivo. Quando há um adjetivo depois do nome, já não temos dúvida da semântica da sentença: se o adjetivo for negativo, a apreciação aumenta para o lado negativo (*Vi um puta filme chato*); se for positivo, o aumento é para o lado positivo (*Vi um puta filme bom*).

A leitura positiva da intensificação por *puta*, em sentenças com o adjetivo nulo, só não se confirmará em casos como em (17). *Puta ditador* jamais teria uma interpretação positiva, uma vez que o N *ditador* denota uma figura autoritária que age com truculência. O conhecimento enciclopédico do falante o leva, então, a uma leitura negativa do predicado sentencial. Um chefe ditador é um chefe que carrega, em si, as propriedades inerentes a um ditador, que revela atitudes ditatoriais. Na operação realizada pelo MG *puta*, podemos interpretar que o chefe tem essas propriedades em um grau elevado da escala. Concluímos, assim, que no complexo *puta + N*, a operação realizada por um modificador de grau atua sobre as propriedades socioculturais do N.

Assumindo a possibilidade demonstrada por Beviláqua (2017) de estender a propriedade da gradação nos moldes de Kennedy e McNally (2005) para outros domínios da linguagem, como, por exemplo, os nomes, encontraremos um caminho para explicar a possibilidade semântica de o MG *puta* intensificar certos sintagmas nominais. Nesses SNs, a intensificação recai sobre o próprio N e não sobre um adjetivo nulo.

Figura 1 – Escalas e tipos de nomes



Fonte: Beviláqua (2017, p. 56).

Em (18), o SN *dor* pressupõe uma estrutura escalar. Se pensarmos do ponto de vista da morfologia, quando se usa os graus diminutivo (“*dorzinha*”) ou aumentativo (“*dorzona*”), não nos referimos a dimensões, mas sim, à escala de intensidade da dor, o que comprova que esse N tem a gradação como propriedade semântica. A única interpretação que se tem na sentença em (18) é que a dor no corpo está muito intensa. O intensificador *puta* eleva a propriedade do elemento modificado ao grau máximo na escala de intensidade.

Em outros exemplos, tais como *Ele está com uma puta raiva do amigo* ou *A grávida está com um puta desejo de comer doces*, verificamos que os elementos modificados *raiva* e *desejo* são

nomes graduais e, por isso, permitem a operação realizada pelo intensificador *puta* em ambos os exemplos e eleva os nomes ao grau máximo de intensidade. Podemos concluir, desse modo, que o modificador *puta* atua em nomes graduais exclusivamente como um maximizador sempre elevando ao grau máximo da escala as propriedades dos elementos modificados.

Portanto, uma sentença como em (19) apresentaria uma anomalia semântica. A anomalia é gerada pelo adjetivo pós-nominal em posição atributiva. A semântica de *leve*, caminha para o lado oposto da operação realizada pelo modificador. Uma dor de intensidade máxima jamais poderia ser modificada por um adjetivo que indique baixa intensidade.

(19) #Estou sentindo uma *puta* dor leve.

Por fim, tomando como exemplo as sentenças em (20), levantamos a hipótese de que a posição do MG *puta*, na linearidade da sentença, distingue o escopo de sua operação. Nesse sentido, (20a) não pode ser interpretada da mesma forma que (20b).

(20) a. Aquele casal comprou um carro *puta* luxuoso.
 b. Aquele casal comprou um *puta* carro luxuoso.

Por um lado, em (20a) a intensificação recai apenas sobre o sintagma adjetival *luxuoso*. Já em (20b) a operação modifica todo o SN *carro luxuoso*. A interpretação da primeira sentença seria que, entre o domínio *carros*, o casal comprou um que é bastante luxuoso. O parâmetro de comparação estabelecido são todos os outros carros de conhecimento do falante. Por outro lado, em (20b) ocorre uma restrição de domínio e, o parâmetro estabelecido já não são todos os carros, mas somente aqueles que estão na categoria de carros de luxo. Portanto, na segunda sentença, o carro comprado pelo casal se destaca até entre os carros considerados de luxo.

O mesmo acontece com as sentenças em (21) e (22). Se voltarmos nas sentenças em (9), podemos perceber, inclusive, a mudança de interpretação e de valor atribuído. A sentença em (9a), dependendo do contexto, pode ter uma leitura positiva (*O colchão duro que minha mãe comprou é de ótima qualidade*). Em contrapartida, (9b) tem um valor negativo.

(21) a. Ela me contou uma história *puta* emocionante ontem.
 b. Ela me contou uma *puta* história emocionante ontem.

(22) a. Você me indicou um filme *puta* incrível.
 b. Você me indicou um *puta* filme incrível.

Algumas considerações finais

A discussão realizada neste trabalho priorizou por descrever a distribuição e a interpretação de *puta* em sua atuação como modificador de grau. Pela distribuição sintática e pela atuação semântica do modificador *puta*, podemos sustentar que este item está mais próximo de um advérbio intensificador do que de um adjetivo. Apesar de não poder modificar sintagmas verbais, o que de certa forma o distancia da classe dos advérbios, há mais indícios que nos leva a classificá-lo como tal.

Esse modificador de grau é invariável e aparece sempre anteposto ao elemento modificado, além de não assumir posição de predicado sentencial. Geralmente, os adjetivos assumem tanto a posição predicativa quanto a posição atributiva, como é o caso do adjetivo *alto* (*O homem alto acabou de sair* [posição atributiva canônica] / *Aquele homem é alto* [posição predicativa]).

Quando esse item lexical mostra concordância de gênero e número e ocupa a posição predicativa, ele perde sua função de intensificador e passa a carregar (ou ampliar) o *status* de item lexical chulo (em nossa impressão pessoal, *puta* como modificador é mais aceito socialmente). Em *João está putado* (com isso) e *Maria e Beatriz estão putas* (com isso), *putado/putas* funcionam mais como adjetivos em posição predicativa e o significado é sempre *bravo*. Cabe, contudo, a trabalhos futuros, a investigação para que se identifique se se trata de um mesmo item lexical no PB ou se é apenas um caso de homonímia.

Como pôde ser observado, o modificador analisado opera elevando o grau do elemento modificado, pressupondo sempre uma disjunção entre a posição de determinada propriedade na escala e o grau fixado pelo parâmetro escolhido contextualmente. Na ausência de um adjetivo pós-nominal, o complexo formado por *puta* + *N* terá um valor geralmente positivo, excetuando-se os casos em que *N* carrega propriedades negativas (*um puta carrasco/ um puta assassino/ um puta ditador*).

Nas sentenças em que há um adjetivo explícito, a intensificação por *puta* aumentará a propriedade do argumento do adjetivo de grau. Sempre o complexo *puta* + *AG* apresentará um grau relativo de escala aberta. Como conclui Gomes (2011a), *realmente, os conceitos de escala fechada ou aberta, de polo aberto ou fechado, de polo negativo ou positivo nos parecem tão operacionais para os adjetivos de grau do PB quanto, segundo Kennedy e McNally (2005), são para os do inglês*.

E, além disso, foi interessante perceber que a disposição do modificador de grau, na linearidade da sentença, muda o escopo sobre o qual incide a intensificação, restringindo ou ampliando o domínio de comparação (*Um puta programa humorístico x um programa puta humorístico*).

Esperamos que este trabalho contribua à descrição do Português Brasileiro, mais especificamente no que tange aos estudos da Semântica de Graus e das operações de intensificação.

Referências

BEVILÁQUA, Kayron. A semântica dos adjetivos de grau: uma possível relação com os nomes? **Caderno de Squibs**, v. 3, n. 1, 2017, p. 47-58. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/21214>. Acesso em: 12 dez. 2019.

FOLTRAN, Maria José; NÓBREGA, Vítor Augusto. Adjetivos intensificadores no português brasileiro: propriedades, distribuição e reflexos morfológicos. **Alfa: Revista de Linguística** (UNESP, on-line), v. 60, p. 319-340, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/7868/5857>. Acesso em: 02 jan. 2020.

GOMES, Ana Paula Quadros. **O efeito grau máximo sobre os domínios**: como todo

modifica a relação argumento-predicado. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2009. 209 p. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-18082009-113413/publico/ANA_PAULA_QUADROS_GOMES.pdf. Acesso em: 30 out. 2019.

GOMES, Ana Paula Quadros. Uma proposta de distinção semântica para os intensificadores *muito* e *bem*. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 379-394, jan./abr., 2011a. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1403/943>. Acesso em: 28 nov. 2019.

GOMES, Ana Paula Quadros. A semântica de graus em PB. **Anais do SILEL.**, v. 2, n. 2, Uberlândia: EDUFU, 2011b. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/149.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2019.

GOMES; Ana Paula Quadros; DELDUQUE, Juliana dos Santos. Um estudo sobre o licenciamento e a interpretação de “pouco” em português do Brasil (PB). **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 1489-1530, jul./set., 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/14868/pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.

GOMES, Ana Paula Quadros; SANCHEZ-MENDES, Luciana. **Para conhecer semântica**. São Paulo: Contexto, 2018.

KENNEDY, Christopher; McNALLY, Louise. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. **Language**, v. 81, n. 2, p. 345-381, 2005. Disponível em: <http://semantics.uchicago.edu/kennedy/docs/km-scales05.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.